

“A obra dele é a minha própria”: Lêda Boechat, a historiografia brasileira e o espólio de José Honório Rodrigues

Ilda Renata Andreata Sesquim*

Universidade Federal de Ouro Preto
Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

Recebido em: 01 fev. 2024

Aprovado em: 15 abr. 2024

Aprovado em: 30 abr. 2025

Resumo

O presente artigo se propõe a apresentar Lêda Boechat Rodrigues (1918-2014) como uma parte importante, e negligenciada, da definição da imagem de José Honório Rodrigues (1913-1987). Casados por 46 anos, após o falecimento de José Honório, coube a sua esposa e permanente colaboradora a função atuar na construção de seu espólio literário. Através do trabalho de Boechat com a correspondência do historiador, o objetivo é mostrar que a intelectual produziu um acervo historiográfico fundamental para a sobrevivência e manutenção do nome de José Honório Rodrigues. A nossa hipótese é de que Lêda, como organizadora desse espólio literário e como autora da história da historiografia, fez deste autor e obra uma referência não apenas para aqueles que o conheceram em vida, mas um monumento historiográfico para ser lido e (re)conhecido por outras gerações.

Palavras-chave: Correspondência. História da Historiografia. José Honório Rodrigues. Lêda Boechat Rodrigues.

Este artigo é parte modificada e aprofundada da minha dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto em 2023, intitulada *“A obra dele é a minha própria”: Lêda Boechat Rodrigues e o lugar do feminino na história da historiografia brasileira*. A pesquisa contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto; Mestre e Graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: ildasesquim@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6896-5130>

 <http://lattes.cnpq.br/9593474729476572>

“His work is my own”: Lêda Boechat, Brazilian historiography and the estate of José Honório Rodrigues

Ilda Renata Andreata Sesquim*

Federal University of Ouro Preto
Ouro Preto, Minas Gerais, Brazil

Received: 1st Feb. 2024

Approved: 15th Apr. 2024

Published: 30th Apr. 2025

Abstract

This article aims to present Lêda Boechat Rodrigues (1918-2014) as an important, and neglected, part of the definition of the image of José Honório Rodrigues (1913-1987). After 46 years of marriage, with the death of José Honório, it fell to his wife and permanent collaborator to work on the construction of his literary estate. Through Boechat's work with the historian's correspondence, the objective is to show that the intellectual produced a historiographical collection that was fundamental for the survival and maintenance of the name of José Honório Rodrigues. Our hypothesis is that Lêda, as organizer of his literary estate and as author of the history of historiography, made this author and his work a reference not only for those who knew him in life, but a historiographic monument to be read and recognized by other generations.

Keywords: Correspondence. History of Historiography. José Honório Rodrigues. Lêda Boechat Rodrigues.

This article is a modified part of my master's thesis, defended in the Postgraduate Program in History at the Federal University of Ouro Preto in 2023. The research was supported by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (CAPES) – Financing Code 001.

* PhD candidate in History at the Federal University of Ouro Preto; MA and BA in History from the Federal University of Ouro Preto. Email: ildasesquim@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6896-5130>

 <http://lattes.cnpq.br/9593474729476572>

Saber escrever, gostar de escrever parece-me, depois do amor, o maior dom que Deus nos dá. Trabalhei muito ao lado de José Honório vivo; ele continuará vivo enquanto eu puder trabalhar no seu espólio literário, que não é despiciendo.

Lêda Boechat Rodrigues. *Correspondência de José Honório Rodrigues* (2000, p. 18).

Para uma série de pesquisadores, as contribuições de José Honório Rodrigues foram importantes para a formação teórica e metodológica do campo historiográfico brasileiro. Seja pelo investimento crítico ou pelas suas contribuições para a escrita da história, um leque variado de intérpretes (Freixo, 2011) se debruçou sobre o historiador e sua obra. Não é menos significativo, contanto, que parte do trabalho editorial e historiográfico responsável por conferir identidade e reconhecimento a esse monumento continue assombrado. De forma enigmática ou controversa, é justamente nessas sombras que o trabalho intelectual desempenhado por Lêda Boechat Rodrigues pode ser localizado.

Boechat fez sua formação em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1934-1939) e trabalhou durante vinte e cinco anos, na função de taquígrafa, como funcionária efetiva do Supremo Tribunal Federal. Em paralelo à sua carreira profissional no judiciário, circulou em diferentes espaços acadêmicos, mas foi na articulação entre as ciências jurídicas e o campo historiográfico que construiu sua trajetória intelectual. Com uma ampla experiência nos organismos de pesquisa, as influências que constituíram o percurso acadêmico e profissional de Lêda Boechat expressam-se em uma vasta bibliografia composta por dezenas de livros, opúsculos, traduções e artigos. Dentre sua obra, a publicação de maior fôlego foi a História do Supremo Tribunal Federal, dividida em quatro volumes, cujo primeiro foi publicado em 1965 e o último em 2002.

Apesar da relativa recepção que sua obra obteve dentre os juristas e literatos, o reconhecimento de Lêda Boechat Rodrigues assumiu contornos diferentes na história da historiografia. Para o campo, além das barreiras impostas ao sexo feminino, o caminho encarado pela intelectual seria acompanhado pela “sombra” do homem com quem escolheu se casar: José Honório Rodrigues (1913-1987). Durante os 46 anos de casamento, a intelectual atuou como colaboradora, organizadora e digitalizadora dos trabalhos de José Honório. Se era comum que as colaboradoras solteiras frequentemente recebessem menos crédito (Rossiter, 1993), esse padrão se agravaria ainda mais dentro do trabalho intelectual compartilhado com o marido. Enquanto José Honório era visto por muitos como o maior historiador brasileiro de sua época, Lêda era identificada apenas como “esposa”, ou, raramente e em tom muito singular, como uma intelectual com “pretensão” de historiadora.

A relação entre companheirismo intelectual e colaboração entre historiadores é notoriamente extensa, com muitos exemplos de casais que compartilharam esses espaços. Bonnie Smith (2003) destaca que não é raro que esposas de historiadores tenham contribuído significativamente em seus projetos, atuando como secretárias ou até mesmo escrevendo as obras de seus maridos. Um exemplo emblemático é o da escola dos *Annales*, onde Natalie Zemon Davis (1992) aponta que, embora a fundação da escola seja atribuída a Marc Bloch e Lucien Febvre, ambos contaram com a assistência valiosa de mulheres intelectuais, como Suzanne Febvre, que, formada em Geografia e História, trabalhou como assistente e revisora dos textos de Lucien, e Simonne Vidal Bloch, que desempenhou funções semelhantes para Bloch. Embora Lêda Boechat compartilhe essa dinâmica que imperou sobre a memória social do sexo feminino, onde era comum que a autoria desses trabalhos colaborativos fosse atribuída apenas ao homem (Smith, 2003), após a morte de José Honório Rodrigues, em abril de 1987, sua colaboração assumiu novas proporções.

Além de se dedicar a escrever suas obras autorais, a jurista e historiadora empenhou-se na função de disseminação e organização do trabalho e do acervo do historiador. Ao transformar a construção deste espólio¹ em seu próprio objeto, Lêda assumiu para si a causa de fazer da obra de José Honório a “sua” própria: “Morto José Honório, fiquei sozinha. Sem amor e sem descendentes, somente um consolo e um prazer me restam: trabalhar muito e sempre, sem descanso, na Obra dele e na minha própria” (Rodrigues, 2000, p. 18).

Como artífice da memória do marido, Lêda iniciou, assim, um vasto trabalho de avaliação dos documentos e da correspondência de Rodrigues para organizar e publicizar a obra do historiador. Com um amplo uso de seus conhecimentos sobre biblioteconomia, taquigrafia e arquivologia, a historiadora atribuiu ao próprio trabalho a missão de atuar nesse espólio literário e envolveu-se nos processos de compilação e publicação dos manuscritos de José Honório. Dessa forma, nas décadas finais do século XX e no início do XXI, Boechat desempenhou uma importante função literária que ajudou a estabelecer as fronteiras em torno do autor e ampliar o alcance de sua trajetória historiográfica.

A historiadora organizou e publicou não apenas os livros que ainda não haviam sido publicados, como os dois tomos do segundo volume da *História da História do Brasil* (1988) e *Uma História Diplomática do Brasil* (1995), mas uma série de materiais que lhe permitiram tecer uma costura entre a obra e o autor fundamental para a sobrevivência e manutenção do nome de José Honório Rodrigues. Esse trabalho se expressa, cronologicamente, da seguinte forma: A coletânea *Ensaio Livres*, organizada por ela e publicada em 1991; o livro *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*, que publicou junto com José de Arruda Mello, em 1994;

1 A expressão “espólio”, da forma como adotada por Lêda Boechat Rodrigues, é usada nestas páginas para representar os textos e o arquivo pessoal de José Honório Rodrigues, incluindo um subconjunto de arquivos como notas, cartas e manuscritos do historiador.

Correspondência de José Honório Rodrigues, organizado por ela e publicado em 2000 e *Nova Correspondência de José Honório Rodrigues*, publicado em 2004 na coleção Austregésilo de Athayde da Academia Brasileira de Letras.

A partir desse trabalho de configuração de um arquivo historiográfico, o presente artigo se propõe a apresentá-la, portanto, como uma parte importante, e negligenciada, da definição da imagem de José Honório Rodrigues. Aqui me concentrarei apenas em uma fração do trabalho de Lêda Boechat, sem menosprezar, obviamente, as demais dimensões de sua trajetória autoral. Indago sobre o papel ativo que Boechat desempenhou no processo de elaboração da obra de um José Honório Rodrigues historiador, ou seja, a obra de um autor central para a história da historiografia brasileira. Através da imagem de Boechat como agente central nesse processo, proponho uma forma de relacionar os arcabouços acionados no seu discurso com uma parte importante daquilo que se fazia quando se escrevia história da historiografia. Acredito ser possível observar que esse local enigmático assumido pela jurista e historiadora reflete não apenas os aspectos de sua relação conjugal, mas uma tradição intelectual que faz desse retrato de Rodrigues um signo para (re)interpretação dos estudos históricos no Brasil.

Lêda e a correspondência de José Honório Rodrigues

Antes de adentrarmos o conteúdo da correspondência de José Honório Rodrigues, é importante destacar a multiplicidade de significados que permeia essa seara. Rebeca Gontijo (2006) aponta que a correspondência pode ser mobilizada de diferentes formas, desde seu uso como testemunho e atribuição de significados, até como fonte privilegiada de acesso aos “bastidores” de uma obra. Para o caso em tela, além do interesse pelo trabalho editorial, a análise da correspondência busca evidenciar a vasta rede de ideias em jogo, inscrita numa época e espaço social específicos, funcionando como uma lente que revela subjetividades e sociabilidades dos envolvidos. Essas relações sociais expõem “a multiplicidade de interesses e de negociações postas em prática em momentos e situações específicas” (*Ibidem*, p. 52). No caso de correspondência entre intelectuais, embora esse material proporcione um acesso singular a espaços de intercâmbio de ideias e projetos, que muitas vezes não transparecem em suas obras, conforme argumenta Angela de Castro Gomes (1998), é necessário atentar-se a “ilusão de verdade” que a mobilização do material pode provocar.

Um outro ponto também é fundamental para compreender o trabalho de Lêda com as obras póstumas e a projeção que se segue da carreira do historiador: ele tinha plena consciência da importância de conservar a correspondência. Como outros intelectuais de seu tempo, Honório Rodrigues preservou “com o maior cuidado” (Rodrigues; Mello, 1994, p. 31) as cartas trocadas com historiadores e professores nacionais e estrangeiros. Sua correspondência, que guardou uma vasta memória sobre si e sobre diversos acontecimentos, era concebida por ele próprio como um campo fértil para a consecução de seu destino de

“grande historiador”.² Nesse pequeno mundo que José Honório constrói para si mesmo, como observado por Philippe Artières (2013), o ato de arquivamento³ não apenas moldava os processos de escrita e seleção das cartas, mas também evidenciava o direcionamento a um projeto arquivístico.

Diferente do “arquivo-memória” tradicional, conforme definido por Luciana Heymann (2012), esse tipo de representação concebida por José Honório parecia direcionada a um valor histórico de uso futuro. Como usuário do seu próprio arquivo, José Honório não colocava a sua vida “em conserva de qualquer maneira” (Artières, 1998, p. 11). A sua própria relação com a correspondência já presumia passagens que poderiam ser destacadas, omitidas ou rasuradas. Essas preocupações aparecem esporadicamente nos livros póstumos organizados por Lêda Boechat Rodrigues, onde a autora deixa nítido alguns contornos dessa autoconsciência em relação ao caráter das epístolas.

Essa função instrumental do arquivo não se esgotaria com a morte de seu instituidor. Afora o trato com a correspondência,⁴ a autoconsciência em relação a uma escrita de si adentraria também nas dimensões de seu próprio espólio literário. Após a morte de José Honório, em 1987, coube a Lêda Boechat Rodrigues a seleção cuidadosa dos manuscritos e da correspondência e a avaliação daquilo que deveria ou não ser publicado. Na preparação dos dois tomos do segundo volume de *História da História do Brasil*, publicados ainda em 1988, Lêda já orientava seu trabalho nos arquivos de Honório com a ideia das obras póstumas em mente:

A pedido do grande filólogo e meu colega Celso Cunha, que ia substituir José Honório Rodrigues na Cadeira nº 35 da Academia Brasileira de Letras, fui procurar o material que ele me solicitou e, de repente, surpresa, me deparei com um pequeno triangulo de papel verde em que estava escrito: “Ensaio Livres”. Embaixo desse pequeno triangulo havia vários ensaios e artigos em desordem, vindo em primeiro lugar a crítica à edição brasileira de Barlaeus (1941) e, a seguir, “Arciszewski”, de 1940. Ambos nos originais amarelecidos

2 Esta é uma linguagem predominante nas fontes analisadas. As menções de Lêda a José Honório, sejam nos noticiários ou nas obras organizadas por ela, frequentemente carregam essa entonação romântica que busca enaltecer a figura do historiador e seu trabalho.

3 Ao examinar o arquivo pessoal do renomado historiador francês Georges Duby, Felipe Brandi (2013) destaca as singularidades que caracterizam os arquivos pessoais de historiadores, oferecendo reflexões que incitam a uma ponderação sobre como a prática intelectual se entrelaça com a preservação das documentações privadas.

4 É necessário ressaltar que, ainda em vida, essas cartas passavam pelo crivo de Lêda Boechat Rodrigues. Durante os anos de matrimônio, a intelectual foi responsável por organizar e secretariar a troca de correspondência do historiador (Rodrigues, 2004, p. 170).

dos jornais da época. Logo pensei: aí está mais um livro póstumo de José Honório! (Rodrigues, 1991a, p. XII).

O trabalho da intelectual com as cartas, conseqüentemente, não tardaria a começar. Como mencionado no livro *Correspondência de José Honório Rodrigues* (2000), toda a correspondência profissional do historiador estava arranjada em ordem alfabética em arquivos de aço. A correspondência total, na qual Lêda Boechat trabalharia dois anos seguidos em tempo integral – abril de 1987 a abril de 1989 –, equivalia a um volume de 3.100 páginas e apareciam cartas em seis idiomas diferentes: português, inglês, francês, espanhol, holandês e alemão. Para a publicação, Lêda as arrumou em ordem cronológica e traduziu as cartas escritas em inglês, francês, holandês e alemão.

Esta porção da correspondência organizada pela historiadora começou a aparecer em 1991 na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, iniciando-se com a publicação das cartas, escritas em português, do historiador inglês Charles R. Boxer. Como resultado desse trabalho, não demorou para que Lêda Boechat Rodrigues começasse a projetar o livro *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira* (1994). Publicado em parceria com José Octávio de Arruda Mello, Lêda remeteu, dentre esses sete anos após a morte do esposo, uma série de cartas, livros, *papers*, notas e informações ao coautor do livro.

A parte do ensaio redigida por Lêda foi dividida em três seções. A primeira é dedicada a falar do homem e da obra do historiador. A segunda se debruça propriamente sobre a correspondência, onde a autora transcreve trechos de cartas que considerava contribuir para um conhecimento mais amplo de sua biografia do historiador e da repercussão que seus livros tinham à medida que iam saindo. Nessa parte, aparecem trechos de algumas cartas inéditas, que despontavam dados biográficos sobre José Honório Rodrigues e a apreciação de sua obra. Os nomes dos correspondentes são relacionados no sumário, de acordo com suas respectivas universidades. A terceira parte, por fim, traz algumas passagens consideradas por ela “curiosas”, envolvendo os estudantes de pós-graduação recomendados pelos amigos e professores estrangeiros de Honório. Como o livro foi publicado na década de 90, em um momento no qual o campo já possuía contornos mais definidos, essas passagens se tornam curiosas por exporem relações de indicações, trocas e redes que, embora façam parte do universo acadêmico, não são plenamente visíveis no ambiente intelectual.

Já nos anos 2000, com a *Correspondência de José Honório Rodrigues*, Lêda Boechat Rodrigues cumpriu a função de reunir e apresentar a correspondência “deste historiador que muito amou a história da sua pátria” (2000, p. 20). A ideia de editar na Coleção Afrânio Peixoto, da Academia Brasileira de Letras, um volume dessa correspondência partiu de Lêdo Ivo, em virtude das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Ao receber o convite, imediatamente a historiadora pôs as mãos à obra e conseguiu reunir, na Primeira Parte, cartas de 31 acadêmicos. O volume foi dividido em três seções: na primeira, figuraram as cartas dos membros da ABL; na segunda, Lêda selecionou cartas de alguns correspondentes brasileiros e na terceira, as de correspondentes estrangeiros.

Na sequência da correspondência publicada em 2000 acrescentou-se o livro *Nova Correspondência de José Honório Rodrigues* (2004). Organizado no mesmo padrão do livro anterior, Lêda Boechat Rodrigues divide as três seções entre os correspondentes membros da ABL, alguns correspondentes brasileiros e alguns correspondentes estrangeiros. Nelas tanto a correspondência ativa do historiador quanto a passiva, escrita por correspondentes brasileiros e estrangeiros, encerram particularidades sobre a vida e a atividade de José Honório que ressaltam o seu perfil intelectual e profissional e “testemunham o raro prestígio que ganhou em vida” (2004, p. XI).

Para publicação dos livros, a historiadora fez uma minuciosa leitura da correspondência original de José Honório Rodrigues, da qual procurou sanar certos equívocos, eliminar os excessos e direcionar esses elementos à construção de uma consistente narrativa sobre o historiador e seu trabalho. Embora Octávio Arruda (Rodrigues, 1994, p. 142) relate que Lêda tenha colocado a verdade histórica “acima dos próprios sentimentos”, tratando com profissionalismo e seriedade os documentos e relatos do historiador, o trabalho editorial com essa correspondência merece atenção. Por trás de “trechos rigorosamente selecionados” (*Ibidem*, p. 31), o arranjo das cartas em questão desempenhava uma função retórica que atribuía traços precisos ao José Honório Rodrigues que Lêda desejava contornar.

Um outro elemento também foi essencial nesta elaboração. As notas de pé de página presentes nesses três volumes foram um dos espaços privilegiados nas quais Lêda pôde realizar frequentes comentários e intervenções sobre o conteúdo da correspondência. Embora autora tenha alegado que essas notas estavam reduzidas apenas ao indispensável para elucidação do texto ou a algum comentário julgado ilustrativo (Rodrigues, 2000, p. 21), esses espaços eram usados recorrentemente para corrigir, acordar, discordar ou acrescentar informações às situações descritas nas cartas. Longe de funcionarem apenas como adendos que visavam complementar o conteúdo da correspondência, as notas desempenham uma importante função no trabalho empenhado pela historiadora. Essas intervenções funcionaram como elementos capazes de atribuir sentido à narrativa sobre o historiador “ilustre” que Lêda buscava elaborar, direcionando luz para ângulos precisos desse monumento.

Diante dessa atribuição de sentidos podemos observar, por exemplo, como os elementos mobilizados na correspondência conferem credibilidade a um certo tipo enredo que desenha as linhas do enquadramento da trajetória “excepcional” de José Honório Rodrigues. Em um primeiro momento, é interessante ressaltar que houve um intenso trabalho de curadoria e seleção envolvido na publicação das cartas. Dentre as 3.100 páginas de correspondência, nem todas foram publicadas por Lêda Boechat. Isso direcionar a atenção, assim, para o que Rafael Benthien (2014) identificou como as formas de classificação em jogo ao longo da montagem interna de um arquivo. Mesmo que algumas cartas tenham um acentuado teor crítico, supõe-se também, evidentemente, que parte desse material não tenha sido preservado. Como “marca de um processo de acumulação pautado por subjetividades individuais” (Heymann, 2012, p. 179), excetuando o fato de perda e seguindo a lógica do conselho oferecido pelo Padre Serafim, o conteúdo das cartas arquivadas cumpria com o

padrão daquilo que poderia ser posteriormente publicado.

Durante a produção destas obras, as intervenções de Lêda Boechat Rodrigues perpassam diferentes caminhos no esforço de criar uma imagem de excelência para José Honório Rodrigues como profissional da história e intelectual brasileiro. O conhecimento de Lêda dos círculos de inserção do historiador permitiram que a projeção dessas linhas acompanhasse a seleção daquilo que deveria ou não se destacar. Por um lado, essas cartas se preocupavam em reiterar a ideia de que José Honório Rodrigues tinha vivido uma extensa trajetória profissional e intelectual. Em outra direção, entretanto, é possível identificar que havia uma eminente preocupação de Lêda em ressaltar um tipo de “integridade” profissional do historiador, principalmente no que diz respeito à relação de José Honório com o Estado brasileiro, os cargos públicos e as instituições nacionais. Embora eventualmente a correspondência publicada evidenciasse situações complexas e embaraçosas, havia uma preocupação constante da historiadora em orientar suas interpretações e, quando preciso, lapidar trechos que pareciam desviar ou comprometer o eixo narrativo por ela arquitetado.

Este cuidado de Lêda com a correspondência, em maior ou menor grau, estaria presente ao longo de todas as obras póstumas por ela publicadas ou organizadas sobre o historiador. O trabalho da jurista e historiadora percorreria, dessa forma, as cartas trocadas no cenário nacional e estrangeiro como uma espécie de curadoria das situações que precisavam, a seu ver, ser “elucidadas”. O que está em jogo, nesses casos, não é possibilidade de afirmar ou negar a verdade dos fatos (Gomes, 2004), mas de dizer que tipo de discurso Lêda Boechat Rodrigues produziu retrospectivamente em relação a José Honório. Munida não só pela própria concepção dos atributos que deveriam compor o historiador por ela narrado, mas por uma leitura atenta dos olhares que estavam ou estariam a ele direcionados, Lêda não pouparia esforços para apontar suas discordâncias e indignações, encontrando nesses espaços um caminho para conduzir a construção de “seu” monumento.

Na correspondência trocada com o professor Lewis Hanke em 19 de junho de 1963, um dos muitos exemplos dessas intervenções pode ser observado. Referindo-se ao convite da Universidade do Texas para exposição do Comitê de Programa da Associação Americana de História, José Honório escreve:

Gostaria muito de participar da reunião da *American Historical Association* a realizar-se na Filadélfia em dezembro. Mas a minha intenção é utilizar os fundos que me seriam fornecidos para realizar viagens dentro do País, a fim de conhecer a outra costa dos Estados Unidos, a Universidade da Califórnia e a Biblioteca de Berkeley. Pretendo, na volta, sair de Los Angeles e parar na Cidade do México, que também não conheço (Carta a Lewis Hanke, 19 jun. 1963 *apud* Rodrigues, 1994, p. 81).

Em nota, censurando o movimento de Honório Rodrigues, Lêda Boechat coloca: “Parece que quando escreveu o 2º parágrafo dessa carta, JH estava no mundo da lua. Os

fundos seriam dados ao orador brasileiro que participaria da reunião de Filadélfia, e nunca para outros fins, é claro" (*Idem*). A sugestão de que José Honório teria cometido um devaneio ao escrever a carta encaminha uma interpretação específica sobre a questão. De certa forma, a proximidade com Honório, decorrente dos longos anos de companheirismo conjugal e intelectual vivenciados pelo casal, permitia que Lêda resgatasse um certo tipo de autoridade capaz de direcionar esses não-ditos a uma análise guiada da situação. Em meio a esse cotidiano das eventualidades, dos conflitos, das polêmicas e decisões que acompanharam a carreira do historiador, essa análise, nem sempre descomprometida ou despreziosa, dava corpo a um José Honório que ela buscava apresentar: o historiador como "exemplo de estudioso sério e dedicado à sua matéria histórica" (Rodrigues, 2000, p. 263). Outras intervenções também resguardavam essas mesmas inclinações.

Situação semelhante ocorreria na carta em que José Honório Rodrigues remete a Stanley Stein em agosto de 1964. A carta de José Honório agradecia a Stein pelo protesto devido a sua demissão da direção do Arquivo Nacional, que, de acordo com o historiador, teria acontecido por motivos políticos. Em nota, entretanto, Lêda ressalta que o real motivo de sua demissão teria decorrido dos eventos sucedidos do período em que José Honório ficou afastado para dar cursos na Universidade do Texas:

Esta carta de José Honório agradecendo a solidariedade de Stanley Stein falseia a verdade. Ele não foi demitido depois do Golpe de Estado de abril de 1964. Foi demitido em meados de março pelo então Ministro da Justiça Aberlado Jurema, sendo Presidente da República João Goulart e Chefe da Casa Civil Darcy Ribeiro. José Honório fora dar cursos na Universidade do Texas e ficara como diretor interino um jornalista pernambucano de nome Roberto Dias Gorba. Este pediu ao Ministro da Justiça, seu amigo, o cargo de diretor efetivo, e conseguiu seu intento. Aberlado Jurema convidou José Honório para ficar no seu Gabinete, mas este recusou o convite. Foi demitido do Arquivo Nacional sumariamente, sem uma única palavra de agradecendo seus serviços àquela instituição (Rodrigues, 1994, p. 120).

Ao manifestar diretamente que o marido falecido "falseou" a verdade, essa carta expõe de forma precisa como o discurso de Lêda Boechat Rodrigues se impõe sobre nossa interpretação. De certa forma, José Honório só poderia falsear a verdade porque Lêda é quem estava, no momento, falando sobre ele. Caberia perguntar, portanto, que tipo de verdade se apresenta nessas narrativas. Não se trata, pois, de uma "história-verdade", mas de uma verdade que a própria autora constrói. Diante das passagens reunidas, o que está em jogo é "menos a veracidade dos fatos do que a do próprio relato" (Heymann, 2012, p. 195). Com o historiador morto, a escrita sobre uma ausência permite a Lêda mobilizar, assim, essa verdade como um conjunto de regras capaz de "controlar" as operações para a produção determinada de seu objeto. A partir dessa escrita em espelhos, como apresentada por Certeau (1982), a

historiadora confere legitimidade às suas estratégias de vincular e desvincular opostos, situando esses discursos em uma experiência que confere crédito à sua narração. Esse conjunto de regras mobilizadas em sua operação historiográfica apresenta-se como uma arquitetura que (res)significa o monumento que ela mesmo (des)constrói (Seawright, 2017).

Em paralelo a essas defesas que buscavam remontar a imagem de um estudioso sério e dedicado à matéria histórica, o trabalho de Lêda Boechat Rodrigues com a correspondência do esposo carregava também um lado afetuoso que permeava a narrativa sobre o historiador. Uma breve análise dos elementos que compõem seu trabalho editorial com a correspondência, atentando-se principalmente às introduções, prefácios e notas de pé de página, permite identificar que sua escrita foi adornada de elementos nostálgicos que rememoravam tanto suas memórias conjugais e afetivas quanto os aspectos íntimos da vida do historiador.

No que se refere aos aspectos conjugais e afetivos, a centralidade desses excertos permite identificar que havia também um aspecto memorialístico que fundamentava seu trabalho com o espólio literário de José Honório Rodrigues. As responsabilidades por ela assumidas após a morte de Rodrigues, sobretudo em relação ao trabalho com as cartas do esposo, eram acompanhadas por um certo grau de afetos e misticismos que extrapolavam os limites de uma escrita impessoal. Nas páginas que acompanham as publicações da correspondência, não raro, é possível visualizar diferentes momentos nos quais a escrita ressalta o espectro afetivo e sentimental que envolvia a autora.

De certa forma, a centralidade desses excertos permite identificar que havia um aspecto memorialístico que fundamentava seu trabalho com o espólio literário de José Honório Rodrigues. Este aspecto pode ser observado em diferentes trechos das obras póstumas publicadas de e sobre o historiador. Para o trabalho com a correspondência, bastaria evocar apenas alguns que aparecem de forma complementar nos dois volumes da correspondência publicados pela ABL. No livro publicado nos anos 2000, treze anos após a morte do esposo, Lêda escreve: “Vivemos 46 anos de casados, além de namorados cinco anos: mais de meio século. Compartilhamos, na maior intensidade, amor, emoção, trabalho intelectual, experiências de toda a ordem. Através dessas cartas rememoro o nosso passado”. Já na *Nova Correspondência de José Honório Rodrigues*, a frase que encerra a apresentação do livro deixa nítida essa pretensão do trabalho de Lêda Boechat Rodrigues: “Volta à vida, neste autorretrato, o Acadêmico José Honório Rodrigues” (2004, p. XIII-XVI).

Embora esse caráter afetivo, e por vezes cômico, de certas cartas ou intervenções estivesse presente nas obras publicadas por Lêda Boechat Rodrigues, é necessário ressaltar que ele não compromete a seriedade e precisão que a historiadora pareceria reivindicar em seu trabalho. Ao lado dessa personalidade carregada pelas intervenções de Lêda, os sentidos narrativos ainda caminhavam para alimentar a ideia de sua alta e “natural” proficiência como historiador.

O que interessa, neste ponto, não é entender as minúcias sobre a trajetória de José Honório Rodrigues, mas como esse trabalho com a correspondência é resultado de um

processo de refazimentos “cujo objeto é o próprio arquivo” (Heymann, 2012, p. 178). É nessa linha que Lêda Boechat busca recompor a trajetória do historiador que se tornou uma das grandes autoridades do cenário intelectual brasileiro. Dentre os vários volumes dedicados à correspondência, portanto, não são poucas as cartas que caminharam no sentido da monumentalização do historiador e de sua obra. Alinhavada por um fio crítico e simultaneamente elogioso, esses processos e escolhas envolvidos na sua publicação cumpriam precisamente com os objetivos da narrativa que Lêda tentava elaborar e reiterar sobre José Honório Rodrigues.

Os círculos intelectuais e as bases para uma monumentalização

Tinha consciência do valor da sua Obra [*sic*] e esperava, sem modéstia, figurar no futuro entre os grandes da História e da Historiografia brasileiras. A elas dedicou sua desmarcada inteligência, sua enorme criatividade e seu indomável e incessante esforço (Rodrigues, 1988a, p. XV).

A demarcação da autoconfiança de José Honório Rodrigues em relação ao lugar que ele e sua obra ocupariam na história e na historiografia brasileira, muito provavelmente, não é uma surpresa para aqueles que conhecem minimamente a trajetória do historiador. O próprio José Honório, inclinado pela suposta originalidade de suas composições, demonstrava total confiança na projeção que estaria a ele reservada. Após seu falecimento, entretanto, a reivindicação desse lugar encontraria em Lêda Boechat Rodrigues a força motriz de seu movimento.

Coube a sua esposa e permanente colaboradora a função de alimentar o discurso da excepcionalidade de José Honório e reivindicar esse lugar que deveria ser reservado ao historiador nos quadros disciplinares. Como uma peça central nesse processo, Lêda Boechat Rodrigues atuou de forma silenciosa na produção de um vasto acervo historiográfico do esposo. Dentre a publicação das obras póstumas, das traduções, dos catálogos, dos prefácios e, especialmente, da correspondência selecionada, a historiadora empenhou-se em uma iniciativa inestimável de dar prosseguimento à obra de José Honório. Ao lado de intelectuais como José Octávio Arruda Mello, Francisco Iglésias, Carlos Guilherme Mota e Raquel Glezer,⁵ o trabalho orquestrado por Lêda permitiu retrazar a trajetória dos “refazimentos” (Heymann, 2012) de Rodrigues, projetando e retomando a obra do historiador.

De Glezer, Mota, Iglésias a Mello, todos eles mencionaram, em menor ou maior intensidade, o companheirismo intelectual de Lêda. Com a morte do esposo, o trabalho

5 Todos estes intelectuais escreveram obras sobre José Honório Rodrigues. Algumas dessas obras, sobretudo as póstumas, teceram inúmeros elogios ao historiador. Outras seriam mais dedicadas a analisar o historiador e caracterizar a sua produção historiográfica.

empenhado pela jurista e historiadora inseriu-se de forma mais efetiva em um amplo diálogo com o círculo intelectual formado por esses historiadores a fim de reiterar as contribuições de José Honório Rodrigues à história e historiografia brasileira. Uma atenção especial merece ser direcionada aos casos de Guilherme Mota e Arruda Mello. Guilherme Mota prefaciou o livro póstumo *Ensaio Livres*, organizado por Lêda e publicado em 1991. Em 1988, o historiador também foi o responsável por intermediar a doação do acervo de José Honório Rodrigues feita por Lêda Boechat ao Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP).⁶ Arruda Mello, em grande parte responsável por manter as relações póstumas do historiador com o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, organizou junto com Lêda Boechat Rodrigues o livro *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira* (1994). Esse livro, já quase pronto no ano de 1989, como menciona Lêda na explicação de *Ensaio Livres* (1991), também teria sido enviado ao professor Francisco Iglésias, que fez importantes sugestões sobre o conteúdo da coletânea.

A partir de uma vasta articulação com os círculos intelectuais do campo, o trabalho de Lêda foi orientado assim para consecução do destino de José Honório como o “grande historiador e grande historiógrafo que ele foi” (Rodrigues, 1988b, p. XXX). Nessa direção, ao mesmo tempo em que Rodrigues já havia sedimentado as bases para seu reconhecimento, podemos dizer que é nítido o exercício de exaltação que a intelectual buscava promover de sua figura enquanto historiador. Exaltando um homem intuitivo e de inteligência excepcional, nas palavras de Lêda, a imagem desse grande historiador frequentemente aparece em sua redação:

A compreensão histórica era o forte de José Honório Rodrigues. Grande era a sua intuição. Grande o seu saber histórico de toda a História do Brasil, de 1500 a 1986. Sua história não era cubicular, mas insuflada por uma excepcional inteligência que sabia, à perfeição, ver o conjunto. Jamais confundia o verdadeiro “fato histórico” com o “lixo” da História, que deve ser jogado fora, como ele doutrinou na *Teoria da História do Brasil* (Rodrigues, 1988b, p. XXX).

É evidente que essas afirmações, nos sentidos gerais de seus termos, não estariam embasadas apenas nas opiniões pessoais da autora. Com aprofundado rigor metodológico, Lêda Boechat Rodrigues se preocupou em elencar constantemente elementos que endossavam essas falas, erguendo um monumento que havia sido sedimentado anteriormente pelo próprio José Honório Rodrigues. Esses elementos, que podem ser observados de forma ainda mais nítida durante a seleção da correspondência, perpassariam

6 Em nota, Lêda Boechat Rodrigues (1994, p. 35) refere-se ao acervo doado ao Instituto de Estudos Avançados como “Gabinete de Leitura Lêda Boechat/José Honório Rodrigues”. Atualmente, o acervo é intitulado como “Acervo José Honório Rodrigues” e encontra-se no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).

os acontecimentos ocorridos desde a infância até a repercussão póstuma das obras do historiador. Como pilares que legitimavam a projeção do historiador, a evocação de falas elogiosas de intelectuais brasileiros e estrangeiros seria um dos grandes argumentos para justificar o lugar que ele e sua obra deveriam ocupar na história e na historiografia brasileira. Nesses misteres, a mobilização de sua longa trajetória estaria voltada a mostrar como José Honório se tornou um proficiente historiador em sintonia com seu tempo, exaltando os principais momentos que marcaram, de modo indelével, a vida do intelectual.

No que se tange à formação, Lêda Boechat buscava constantemente recuperar a ideia de um espírito de “historiador nato” que acompanhava José Honório Rodrigues. Para provar a vocação e justificar a importância do historiador, diferentes cartas e comentários de intelectuais estrangeiros e brasilianistas próximos a José Honório eram elencados. O objetivo de Lêda, ao rememorar essa projeção no cenário internacional desempenhava uma função diferente em relação às cartas remetidas pelos correspondentes brasileiros. Em um momento no qual, salvo algumas exceções, não havia uma exaltação nacional à figura de José Honório Rodrigues, resgatar a opinião desses estrangeiros era uma forma de pontuar e reivindicar o seu reconhecimento.

A exaltação da recepção, dos elogios, das viagens, dos convites para lecionar em universidades estrangeiras e outros eventos dignos de nota serviram para contrapor às opiniões, nem sempre positivas, que cerceavam o historiador no ambiente nacional. Nesse mesmo sentido, a exposição das dificuldades encontradas para conciliar essas demandas com seus cargos e funções nacionais também foram mobilizadas por Lêda para sanar as reverberações que acompanhavam a trajetória intelectual e profissional de Honório. Ao recorrer a esses elementos, reivindicando não só a uma identidade como historiador, mas como historiador brasileiro, Lêda procurava trazer credibilidade à ideia de que José Honório teria sido o historiador contemporâneo que mais contribuiu para o estudo da historiografia nacional.

Um dos vastos exemplos que podem ser resgatados, a título de síntese, são os comentários do professor E. Bradford Burns acerca do livro *Perspectives on Brazilian History*, publicado em 1967 pela editora da Universidade de Colúmbia. Composto de nove ensaios, no capítulo que antecede a seção de correspondência do livro *Um historiador na trincheira* (1994), Lêda Boechat destaca que três deles eram de José Honório Rodrigues e complementa:

Adiante, Burns assevera que a bibliografia de José Honório Rodrigues “é extensa e sua qualidade corresponde à sua quantidade”. Quanto a historiografia, prossegue o douto Professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles, “José Honório Rodrigues escreveu mais que todos os historiadores brasileiros. [...] Ele é o autor de três dos nove ensaios deste livro e eu fui constantemente tentado a incluir mais estudos dele. Os três escolhidos bastam para demonstrar a importância de sua contribuição ao estudo da historiografia brasileira (Rodrigues, 1994, p. 26).

Caberia destacar, ainda no mesmo livro, a centralidade e a importância que Lêda dava aos comentários de Robert Conrad. Nas palavras da historiadora: “O professor americano Robert Conrad afirmou categoricamente que José Honório Rodrigues era maior que Francisco Adolfo de Varnhagen e Capistrano de Abreu” (1994, p. 29). Na apresentação do tomo I do segundo volume de *História da História do Brasil* (1988), a intelectual também já havia rememorado essa passagem para expressar a confiança de José Honório em seu julgamento futuro: “Que elogio maior lhe poderia ser dado em 1965, quando ainda tinha vinte e um anos de realizações pela frente, do que ser considerado maior do que Varnhagen e maior do que Capistrano de Abreu?” (1988b, p. XXXI).

Todos esses elementos eram indispensáveis à arquitetura do José Honório Rodrigues que ela projetava. Como um historiador interpretativo e crítico, em sintonia com seu tempo e comunidade, não poderia faltar também o apelo a sua identidade nacional. Dessa maneira, no seu trabalho com o espólio, Lêda Boechat Rodrigues não hesitou em adornar a figura do esposo com símbolos patrióticos que remetiam à ideia de um historiador genuinamente brasileiro. Ao espelhar a “atividade incessante, criativa e obsessiva” (1994, p. 29) de José Honório em torno dos temas nacionais, essa questão se transforma em um dos eixos centrais das publicações organizadas pela autora. Frente aos inúmeros trânsitos internacionais do historiador, a precisa menção de Lêda sobre a escolha do marido em permanecer no Brasil nos dá margem para visualizar essa dimensão nacionalista:

Convidado em 1966 pelo reitor do novo *campus* de Stony Brook, da Universidade Estadual de Nova York, para ser professor Titular com estabilidade (*Full Professor with tenure*), José Honório recusou o convite. Surpreso, o Reitor enviou nova carta⁷ perguntando se ele entendera a anterior. Meu marido respondeu que era um historiador brasileiro, e precisava viver no Brasil para entender o seu país (Rodrigues, 1994, p. 29).

Diante desse apelo patriótico, surgia também a exaltação de um historiador sério e comprometido com o futuro das instituições nacionais. É importante notar que esse movimento de Lêda Boechat Rodrigues, além de legitimar a exaltação de José Honório, inseriu o historiador em um preciso círculo intelectual necessário para fixá-lo num suposto “cânone” historiográfico. Nesse sentido, os diversos nomes elencados pela autora não faziam parte apenas de um simples movimento laudatório. Na contramão de uma ação ingênua, é possível supor que essas escolhas feitas ao longo da publicação das obras póstumas estavam

7 Embora Lêda Boechat Rodrigues mencione a troca de correspondência entre Stony Brook e José Honório Rodrigues, as cartas referidas não foram expostas no livro em questão e nem nos demais volumes dedicados à publicação da correspondência.

orientadas por um conhecimento prévio das redes intelectuais que poderiam conferir certa credibilidade à imagem de José Honório Rodrigues.

Somente entre os livros póstumos dedicados à correspondência, a intelectual reúne cerca de 129 intelectuais diferentes que mantiveram relações profissionais e acadêmicas com Honório. Esses correspondentes estão distribuídos nos livros da seguinte forma: *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira* (2004) – 23 correspondentes; *Correspondência de José Honório Rodrigues* (2000) – 62 correspondentes e *Nova Correspondência de José Honório Rodrigues* (2004) – 52 correspondentes. Alguns outros correspondentes brasileiros e estrangeiros também são elencados nos prefácios, introduções e apresentações das obras póstumas do historiador. Diante das centenas de cartas expostas, não há dúvidas, portanto, de que o discurso desses personagens corroborava com a estrutura narrativa arquitetada por Lêda Boechat Rodrigues.

A seleção da correspondência, de forma semelhante ao que foi feito com a de Capistrano de Abreu (Gontijo, 2004), reuniu em torno de José Honório Rodrigues uma rede de correspondentes motivados pelo interesse na história do Brasil. A análise desses interlocutores, no entanto, não revela apenas quem eram os “homens-instituição” (Guimarães; Araújo, 2004, p. 101) que estavam a frente nos espaços de ciência ou de poder no Brasil. É através da retomada desses registros e ideias que Lêda insere José Honório dentro de uma arquitetura historiográfica, reivindicando o lugar que o seu monumento deveria ocupar na história dos historiadores brasileiros.

Para os correspondentes membros da Academia Brasileira de Letras, tanto na *Correspondência* (2000) quanto na *Nova Correspondência* (2004), podemos citar alguns nomes como Evaristo de Moraes Filho, Francisco de Assis Barbosa, Afrânio Coutinho, João Cabral de Melo Neto, Mauro Mota, José Américo, Jorge Amado, José Cândido de Carvalho, Dinah Silveira de Queiroz, Pe. Serafim Leite, Rubem Rosa, Eurípedes Simões de Paula, Amaro Quintas e Ênio Silveira. Nesse meio, Lêda preocupou-se em eleger cartas que evidenciavam desde as relações profissionais até as amizades do historiador. Sem grandes surpresas, não poderia faltar, entre estes correspondentes, cartas que mencionassem a excepcionalidade da figura de José Honório Rodrigues. A carta de Maria Regina, esposa e companheira intelectual de Eurípedes Simões, sobre a participação de Honório no centésimo volume da *Revista de História*, corrobora com os direcionamentos dessa afirmação:

Na minha frente um cartão datado de a de março de p.p promete: “Escreverei para o número 100. “*Deo gratias!*” foi a primeira reação, pois não teria, não tem sentido o número comemorativo de um periódico específico, sem a presença do maior historiador brasileiro (Carta de Maria Regina, 25 maio 1974 *apud* Rodrigues, 2004, p. 45).

Dentre as diversas cartas que reiteram esse posicionamento, a correspondência de José Cândido de Carvalho em agradecimento à colaboração de José Honório Rodrigues

durante a sua candidatura à ABL sintetiza o teor dessas exaltações:

Sua contribuição para que eu chegasse aos 19 tão badalados votos com que a Academia Brasileira de Letras me honrou e desvaneceu, foi perfeita, verdadeira obra-prima de solidariedade e compreensão. Se já era encantado do seu belíssimo escrever e do seu importante historiar, que coloco como um dos pontos mais altos da inteligência brasileira de todos os tempos, cativo sou agora de corrente nas mãos do cavalheiro perfeito que é José Honório Rodrigues (Carta de José Cândido de Carvalho, 15 jan. 1974 *apud* Rodrigues, 2000, p. 172).

Quanto às redes brasileiras que excediam os círculos da Academia, Lêda Boechat Rodrigues buscou direcioná-las principalmente para a atuação de José Honório Rodrigues nos arquivos e bibliotecas nacionais. Sobretudo no que se refere ao exercício do historiador no Arquivo Nacional, no Instituto Nacional do Livro e na Biblioteca Nacional, os esforços da jurista buscaram dar voz a campanha de José Honório de “defesa de uma ampliação das funções e do compromisso social das grandes bibliotecas e órgãos de cultura (públicos) do país” (Freixo, 2015, p. 62). Essa imagem de um servidor sério e comprometido com a produção e o futuro da informação histórica nacional se faz presente ao longo de todas as obras póstumas organizadas pela autora. Em consonância com a ideia de uma história combatente, este pesquisador-cidadão voltado à sua pátria seria um dos grandes pilares do monumento destinado a José Honório Rodrigues,

Para demonstrar a sólida e duradoura rede que José Honório Rodrigues construiu com intelectuais estrangeiros, Lêda Boechat Rodrigues destacou um amplo grupo de historiadores especializados em história do Brasil. Esses brasilianistas, em grande parte ligados a instituições como a Fundação Rockefeller, universidades americanas e algumas universidades europeias, foram mobilizados pela historiadora como uma referência para mostrar a ampla influência do historiador entre os especialistas estrangeiros que desejavam pesquisar sobre o Brasil. Desde as menções que remetem à bolsa de estudos que José Honório recebeu em 1944 até as condolências enviadas após a sua morte, esses nomes citados por Lêda ilustram a ampla geração de brasilianistas que compôs uma rede intelectual com o historiador brasileiro.

Durante a publicação das obras póstumas, são inúmeras as cartas retomadas pela intelectual que remontam esses quadros. Algumas delas expõem de forma nítida como aconteciam as trocas de obras, documentações, projetos de pesquisas, pedidos mútuos de tradução e publicação de diferentes livros, ensaios e resenhas. Outras remetem às trocas e retribuições generosas que o casal recebia durante suas estadias nos Estados Unidos e na Europa. Havia também uma grande quantidade de cartas vindas de professores amigos de José Honório que se referiam tanto às suas viagens ao Brasil quanto às recomendações de estudantes que passariam estadias no país. No Tomo I do segundo volume de *História da História do Brasil* (1988), ao retratar as condolências recebidas pela morte do esposo, Lêda

mostra como muitos desses intelectuais ficaram ligados a José Honório por sólidos laços de amizade. A lista de nomes é enorme, sendo suficiente elencar alguns como John Johnson, Stuart Schwartz e Robin Humphreys.

A carta de Robin Humphreys, por sua vez, sintetiza um apanhado geral de diversas características que Lêda Boechat Rodrigues elencará ao longo da publicação das obras póstumas dedicadas a José Honório Rodrigues, caminhando dos traços de sua personalidade às suas contribuições para a história e historiografia brasileira:

Robin Humphreys, ex-professor da Universidade de Londres e ex-Diretor do Instituto de Estudos Latino-Americanos da mesma Universidade: “José Honório teve uma carreira eminente. Ninguém que o tenha conhecido pode esquecer sua energia, seu entusiasmo, sua devoção à história brasileira e sua vasta contribuição à mesma. Sua perda será grandemente sentida” (Carta de 01 maio 1987 *apud* Rodrigues, 1988b, p. XXVII).

Por fim, ainda sobre a reconstrução dessa rede intelectual, seria importante ressaltar também a centralidade atribuída à figura de Charles R. Boxer. Das 3.200 cartas da correspondência de José Honório Rodrigues, Lêda Boechat Rodrigues relata que 101 delas foram trocadas com o professor Boxer. Conhecedora da importância e da relevância de Boxer para o círculo intelectual de José Honório, ainda no ano de 1991, a historiadora iniciou o trabalho de publicação das cartas trocadas com o professor inglês na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O acervo organizado e doado por Lêda ao Instituto remeteu aos originais da correspondência mantida entre José Honório Rodrigues e o historiador inglês Charles Boxer, no período de 1949 a 1984. Não há dúvidas sobre a importância do trabalho por ela arquitetado, sobretudo no que refere a possibilidade de compreensão dos trânsitos estabelecidos entre os historiadores sobre os estudos da história do domínio holandês no Brasil. Embora essas cartas não sejam expostas novamente nas obras organizadas por Lêda, a autora não deixaria de mencionar recorrentemente o enorme reconhecimento que Charles Boxer direciona a José Honório Rodrigues.

O que essas inúmeras cartas resgatadas por Lêda Boechat Rodrigues durante o trabalho com o espólio literário do esposo evidenciam é a grande repercussão que o autor e suas obras alcançaram em sua época, atraindo a atenção de diferentes intelectuais brasileiros e estrangeiros. O trabalho intelectual de Lêda com esse espólio estava, dessa forma, fundamentado sobre um profundo conhecimento das redes intelectuais, dos temas e daquilo que havia de mais relevante em termos de difusão e repercussão do conhecimento científico à época. Como uma grande conhecedora das afinidades desse complexo sistema intelectual, a historiadora mobilizou um enorme contingente de acadêmicos, historiadores e críticos que permitiram a ela erigir um monumento preciso de José Honório Rodrigues. Em sua atividade pode-se identificar um tipo de engajamento direcionado a tecer as redes intelectuais que

produziam sentidos dentre as esferas de circulação e validação acadêmicas.

Levada ao ponto de vista historiográfico, não seria capcioso afirmar que a historiadora desempenhou uma importante função literária ao ajudar a estabelecer essas fronteiras em torno do autor e sua obra. No trabalho com o espólio literário do historiador, Boechat atuou não só como esposa e organizadora, mas também como pesquisadora, editando e publicando um vasto conjunto de materiais sobre José Honório Rodrigues: documentos inéditos, textos póstumos, catálogos, prefácios, correspondência selecionada, traduções, entre outros. É nesse sentido que é possível dizer que Lêda Boechat não só organizou as obras póstumas de José Honório. Ela esteve engajada em um projeto mais amplo de preparar, editar e publicar um acervo historiográfico que pode, ainda hoje, ser acessado e consultado por outros pesquisadores, ampliando e organizando a memória desse “grande” historiador brasileiro.

Considerações finais, ou, as formas possíveis de fazer-se historiadora

Até o momento, busquei trazer ao leitor alguns elementos para identificar o papel que Lêda Boechat Rodrigues desempenhou na construção e consolidação da carreira de José Honório Rodrigues. Acredito que o trabalho empenhado com o espólio literário do historiador permite observar não apenas a dimensão dessas contribuições, mas questões em geral ignoradas (ou silenciadas) pelos estudos da história da historiografia brasileira.

Ainda que não seja o objetivo deste artigo fazer uma imersão no companheirismo intelectual que Boechat dedicou em vida ao historiador, analisar essa questão pelo prisma dos “casais intelectuais”, como proposto por Antoine Savoye (2019), pode ser importante para detectar como a esfera pública e a privada são mobilizadas nessas interações. Se a carga das tarefas domésticas era relativamente leve para Lêda, semelhante ao cenário identificado por Eileen Yeo (2012), ela esteve duplamente sobrecarregada com o trabalho intelectual e social. José Honório foi autor de várias publicações e Lêda acompanhou de perto cada uma delas, revisando, apontando erros, evitando lapsos na escrita e auxiliando o historiador em suas atividades acadêmicas e intelectuais. Por suas mãos perpassou quase toda uma geração de brasilianistas. Como uma exímia conhecedora deste complexo sistema intelectual, são também esses traços que permitem observar uma outra face daquela companheira “admirável”.

Dentro do contexto histórico em que viveram e das opções reais à sua disposição (Yeo, 2012), sem abrir mão de sua carreira autoral, foi neste cenário que Boechat desenvolveu sua própria trajetória como pesquisadora e historiadora do direito. Por pequenas aberturas, a intelectual inseriu-se a si mesma dentro daquilo que havia de mais relevante em termos de difusão e repercussão do conhecimento científico à época. Através do contato com os diferentes pesquisadores e instituições, Lêda desenvolveu numerosos estudos sobre a história do direito brasileiro e norte-americano. Apesar de ter sido recebida com notória indiferença pelos teóricos da história, assim como as contribuições de várias intelectuais (Santos; Hansen;

Oliveira, 2023), a obra de Lêda Boechat Rodrigues foi notada por diferentes juristas, críticos acadêmicos e literários.

Diante dessas configurações, caberia, portanto, colocar uma pergunta: após o falecimento de José Honório Rodrigues, por que Lêda opta por dedicar tanto tempo⁸ e energia ao espólio do esposo? Sem grandes rodeios, essa escolha de transformar a obra historiográfica de José Honório em seu objeto pode ser compreendida, ao menos, em dois sentidos específicos.

Por um lado, não seria pretensioso afirmar que esse trabalho com o espólio está relacionado, inicialmente, com a familiaridade que Lêda Boechat Rodrigues tinha com a obra de José Honório. O companheirismo intelectual e a constante participação, direta e indireta, nas pesquisas e publicações do historiador levam a creditar que aquela obra era também a obra dela. Seria por esse motivo, conseqüentemente, que a intelectual conseguiu revisar e publicar com agilidade os volumes póstumos. O mesmo princípio poderia ser estendido ao trabalho intelectual dedicado à publicação da correspondência de José Honório Rodrigues. Como companheira e secretária de Honório, é evidente que a historiadora conhecia, ao menos que minimamente, o conteúdo das cartas e o local de inserção dos correspondentes, o que permitiu que ela remontasse com precisão os círculos intelectuais do historiador.

Uma outra intuição, um pouco mais instigante, refere-se a uma lógica da própria historiografia no Brasil. De modo geral, lidar com o espólio de um autor de história significava, em um dado momento, fazer história da historiografia. Seria dessa forma, por exemplo, que o próprio José Honório Rodrigues, cuidando do espólio literário de Capistrano de Abreu, se tornaria um “cânone” da história da historiografia brasileira.

Semelhante ao trabalho posteriormente empenhado por Lêda, o próprio tratamento que José Honório direciona a Capistrano de Abreu era adornado de elogios e apologias que buscavam retomar os aspectos da vida e obra do historiador de nossa história colonial e construir sua imagem como a do “maior historiador brasileiro” (Silva, 2009, p. 96). Não por acaso, o historiador carioca se tornaria uma espécie de representante oficial da memória de Capistrano, contribuindo para situá-lo em relação aos outros autores e atribuir-lhe um lugar privilegiado na história da historiografia brasileira (Gontijo, 2004). Após 1954, Rodrigues se tornaria o principal organizador, anotador e prefaciador das obras do mestre e seria constantemente retomado como uma referência nos estudos sobre a sua produção

8 É inegável que as demandas e condições que lhe foram impostas após o falecimento de José Honório Rodrigues influenciaram no uso de seu tempo e no desenvolvimento de suas próprias obras autorais, o que pode ser observado, por exemplo, no atraso de 23 anos entre a publicação do segundo e do terceiro volume de História do Supremo Tribunal Federal (*Tribuna da Imprensa*, 28 jan. 1991, p. 9).

historiográfica.⁹ Nesse sentido, embora ele tenha desenvolvido uma ampla obra sobre a história do Brasil, sua inserção ao cânone historiográfico se daria principalmente pela produção relativa à história da historiografia brasileira, cuja porta de entrada foi o capital simbólico associado a seu trabalho com o espólio de Capistrano de Abreu.

Seria por essa mesma entrada de reconhecimento que poderíamos compreender a escolha de Lêda Boechat Rodrigues em trabalhar com o espólio literário do esposo. De certa forma, ela faz pela obra de José Honório o que ele anteriormente teria feito pela obra de Capistrano de Abreu. Apesar desses trabalhos diferirem ligeiramente em forma e conteúdo, o modo como Lêda retratou José Honório Rodrigues aproximava-se exatamente na mediação que ela fez entre o seu espólio e a narrativa que buscava construir diante de seus leitores. Isso permite identificar um tipo de autoconsciência sobre esse lugar da história da historiografia brasileira na segunda metade do século XX.

Quando Lêda atua na organização definitiva do acervo historiográfico de José Honório Rodrigues, com a publicação das obras inacabadas, a seleção correspondência, a elaboração de prefácios e dentre outros materiais, ela parece atuar em um lugar que extrapola a função de trabalhar como viúva no espólio literário do historiador. A partir desse local enigmático, o que o espectro do trabalho de Lêda reflete é um profundo conhecimento da forma que a historiografia funciona. Em outros termos, é possível afirmar que a intelectual compreendia que uma forma legítima de produzir conhecimento e se inserir no campo historiográfico seria assumindo a função de “cuidar” da obra de um autor. Obviamente, ela escolhe cuidar da obra de um autor que ela conhece: seu esposo, José Honório Rodrigues.

Atuando de forma silenciosa na produção do acervo historiográfico de Honório Rodrigues, a intelectual fez deste autor e obra uma referência não apenas para aqueles que o conheceram em vida, mas um monumento historiográfico para ser lido e (re)conhecido por outras gerações. Isso permite afirmar, conseqüentemente, que boa parte do que podemos dizer sobre José Honório hoje depende dessa interpretação.

Todavia esse reconhecimento não aconteceria para a jurista e historiadora da mesma forma que ocorreu com José Honório Rodrigues. Ao lado de seu profissionalismo e alta qualificação, o reconhecimento de seus esforços intelectuais e editoriais, salvo pouquíssimas exceções, continuaria escondido sob a lente do brilhantismo atribuído à figura do esposo e seguiria às sombras dessa narrativa “ilustre” sobre o historiador que ela buscava elaborar. Conforme observa Donald Opitz (2012), não é incomum encontrar casos em que a historiografia concebeu a obra de intelectuais notáveis exclusivamente como produto de seus gênios individuais. O que tentei mostrar com este artigo, contudo, não é se a obra de José Honório pode ou não ter sido resultado de uma colaboração conjugal com sua esposa, mas

9 O trabalho empenhado por José Honório Rodrigues com a obra e o espólio de Capistrano de Abreu foi e ainda é ressaltado por vários pesquisadores da história da historiografia brasileira. Dentre esses trabalhos, sobretudo no que se refere às contribuições mais recentes, pode-se destacar: Silva (2009); Amed (2000); Gontijo (2006) e Freixo (2017).

uma perspectiva ampliada que leve em conta o envolvimento de Lêda na representação e construção da imagem deste historiador.

Referências

AMED, F. J. As edições das obras de Capistrano de Abreu. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 32, p. 99-117, jan.-jun. 2000.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. In: TRAVANCAS, I.; ROUCHOU, J.; HEYMANN, L. (Orgs.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2013.

BENTHIEN, Rafael F. O que há de impessoal em arquivos pessoais: considerações a partir de uma experiência de pesquisa na França. *Vozes, pretérito & devir*, Teresina, v. 3, n. 1 (2), p. 42-57, 2014.

BRANDI, Felipe. Arquivos privados e história dos historiadores: sobrevoo no acervo pessoal de Georges Duby. In: TRAVANCAS, I.; ROUCHOU, J.; HEYMANN, L. (Orgs.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2013.

DAVIS, Natalie Z. Women and the World of the “Annales”. *History Workshop*, n. 33, p. 121-137, 1992.

FREIXO, Andre de Lemos. Capistrano de Abreu, intérprete de José Honório Rodrigues? In: GUIMARÃES, Gêssica; BRUNO, Leonardo; PEREZ, Rodrigo. *Conversas sobre o Brasil: ensaios de crítica histórica*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

FREIXO, Andre de Lemos. José Honório Rodrigues na Biblioteca Nacional (1946-1953) – (re)considerando as relações entre memória e história. *Revista Escrita da História*, ano I, v. 1, n. 2, out.-mar. 2014-2015.

FREIXO, Andre de Lemos. Um ‘Arquiteto’ da Historiografia Brasileira: história e historiadores em José Honório Rodrigues. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 2011.

GLEZER, Raquel. *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*. 1976. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2004.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

GONTIJO, Rebeca. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2004.

GONTIJO, Rebeca. Entre *quatre yeux*: a correspondência de Capistrano de Abreu. *Escritos II*, Rio de Janeiro, v. 2, 2006.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao Historiador*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2006.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; ARAÚJO, Valdeci Lopes de. O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2004.

HEYMANN, Luciana. *O Lugar do Arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contracapa; FAPERJ, 2012.

IGLÉSIAS, Francisco. José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1 n. 1, 1988.

MOTA, Carlos Guilherme. José Honório Rodrigues: a obra inacabada. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 107-10, set.-dez. 1988.

OPITZ, Donald L. “Not merely wifely devotion”: Collaborating in the Construction of Science at Terling Place. In: LYKKNES, Annett; OPITZ, Donald; TIGGELEN, Brigitte Van (Orgs.). *For Better or For Worse! Collaborative Couples in the Sciences*. Basel: Birkhäuser, 2012.

RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de José Honório Rodrigues*. Organização, prefácio, notas e traduções de Lêda Boechat Rodrigues. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000.

RODRIGUES, José Honório. *Ensaio Livres*. Organização de Lêda Boechat Rodrigues. São Paulo: Imaginário, 1991a.

RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil*. Vol. II. T. 1: A Historiografia Conservadora. São Paulo: Editora Nacional, 1988b.

RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil*. Vol. II. T. 2: A metafísica do Latifúndio: o ultra-reacionário Oliveira Viana. São Paulo: Editora Nacional, 1988a.

RODRIGUES, José Honório. *Nova Correspondência de José Honório Rodrigues*. Organização, prefácio e traduções de Lêda Boechat Rodrigues; posfácio de Vamireh Chacon. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004.

RODRIGUES, Lêda Boechat. *História do Supremo Tribunal Federal*. Vol. 1: Defesa das Liberdades Civis (1891-1898). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

RODRIGUES, Lêda Boechat. *História do Supremo Tribunal Federal*. Vol. 2: Defesa do Federalismo, 1899-1910. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

RODRIGUES, Lêda Boechat. *História do Supremo Tribunal Federal*. Vol. 3: A Doutrina Brasileira do Habeas Corpus. (1910-1930). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

RODRIGUES, Lêda Boechat. *História do Supremo Tribunal Federal*. Vol. 4. T. I: 19330-1963. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

RODRIGUES, Lêda Boechat; MELLO, José Octávio de Arruda. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

ROSSITER, Margaret W. The Matthew Matilda Effect in Science. *Social Studies of Science*, v. 23, n. 2, p. 325-341, 1993.

SANTOS HANSEN, P.; OLIVEIRA, M. da G. de. Corpos, tempos, lugares das historiografias. *História da Historiografia*, Ouro Preto (MG), v. 16, n. 41, p. 1-15, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15848/hh.v16i41.2084>.

SAVOYE, Antoine. Existe-t-il des “couples d’intellectuels” dans le mouvement leplaysien? Conjugalité et science sociale. *Les Études Sociales*, n. 170, p. 227-236, 2019.

SILVA, Ítala Byanca Morais da. Anotar e prefaciar a obra do “mestre”: reflexões de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu. *História da historiografia*, Ouro Preto (MG), n. 3, p. 83-105, set. 2009.

SMITH, Bonnie. A Vida Domésticas e os Grandes Historiadores. In: *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. São Paulo: EdUSC, 2003.

UR-GENTE. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 28 jan. 1991, ed. 12641, p. 9.

YEO, Eileen Janes. Social Science Couples in Britain at the Turn of the Twentieth Century: Gender Divisions in Work and Marriage. In: LYKKNES, Annett; OPITZ, Donald; TIGGELEN, Brigitte Van (Orgs.). *For Better or For Worse! Collaborative Couples in the Sciences*. Basel: Birkhäuser, 2012.